


Dossiê: Zygmunt Bauman e a Educação

**Zygmunt Bauman e a Educação Física:
um caminho para novas análises e possibilidades***


**Zygmunt Bauman and Physical Education:
a path toward new analyses and possibilities**

**Zygmunt Bauman y la Educación Física:
un camino hacia nuevos análisis y posibilidades**

Thaís Ribeiro Montalvão**

 <https://orcid.org/0000-0003-2354-6594>

Ari Lazzarotti Filho***

 <https://orcid.org/0000-0003-0610-2641>

Resumo: Este artigo analisa a contribuição da obra de Zygmunt Bauman para o campo da Educação Física, explorando sua relação com temas centrais da área, como corpo, saúde, aptidão, esporte, lazer, dança e jogo. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica de cinco obras selecionadas e emprega a Análise de Conteúdo para identificar temas recorrentes e sua relevância para a Educação Física. Paralelos são traçados entre os conceitos de Bauman e os temas com estreita relação com a Educação Física, destacando-se a influência da modernidade líquida nas normas corporais, no individualismo esportivo, no lazer mercadológico e na função social da dança e do jogo. Reconhecendo a complexidade da relação entre Bauman e a Educação Física, o estudo apresenta-se como uma das abordagens possíveis, ressaltando a importância de sua teoria para compreender as dinâmicas do campo para além do que está dado de modo explícito em sua obra.

Palavras-chave: Zygmunt Bauman. Epistemologia. Sociologia.

Abstract: This article examines the contribution of Zygmunt Bauman's work to the field of Physical Education, exploring its relationship with key topics in the area, such as the body, health, fitness, sport, leisure, dance, and play. The study adopts a bibliographic approach based on five selected works and applies

* Este artigo é resultante da pesquisa de Montalvão (2022), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Código de Financiamento 001.

** Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em *Droit des affaires: Droit de l'internet et des systèmes d'information* pela Université de Strasbourg, França (2025). Mestranda em Sociologia na Université de Strasbourg, França. E-mail: <thaismontalvao@outlook.com>.

*** Professor associado da Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor colaborador da Universidade de Brasília (UnB). Doutorado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e estágio pós-doutoral na Universidade Livre de Bolzano, Itália. E-mail: <lazzarotti@ufg.br>.

Content Analysis to identify recurring themes and their relevance to Physical Education. Parallels are drawn between Bauman's concepts and themes closely linked to Physical Education, highlighting the influence of liquid modernity on body norms, sporting individualism, commodified leisure, and the social role of dance and play. Acknowledging the complexity of the relationship between Bauman and Physical Education, the study is presented as one possible approach, emphasizing the importance of his theory for understanding the field's dynamics beyond what is explicitly stated in his writings.

Keywords: Zygmunt Bauman. Epistemology. Sociology.

Resumen: Este artículo analiza la contribución de la obra de Zygmunt Bauman al campo de la Educación Física, explorando su relación con temas centrales del área, como el cuerpo, la salud, la condición física, el deporte, el ocio, la danza y el juego. La investigación adopta un enfoque bibliográfico a partir de cinco obras seleccionadas y emplea el Análisis de Contenido para identificar temas recurrentes y su relevancia para la Educación Física. Se trazan paralelismos entre los conceptos de Bauman y temas estrechamente vinculados a la Educación Física, destacando la influencia de la modernidad líquida en las normas corporales, el individualismo deportivo, el ocio mercantilizado y la función social de la danza y el juego. Reconociendo la complejidad de la relación entre Bauman y la Educación Física, el estudio se presenta como una de las posibles aproximaciones, subrayando la importancia de su teoría para comprender las dinámicas del campo más allá de lo que se expone explícitamente en su obra.

Palabras clave: Zygmunt Bauman. Epistemología. Sociología.

Introdução

Com o passar do tempo, algumas transformações de grande magnitude vêm ocorrendo na sociedade, após um período marcado pela Revolução Industrial, grandes guerras mundiais e o desenvolvimento tecnológico. Ocorreram alterações na concepção e na forma do capitalismo que impactaram a organização da sociedade. Isso gerou um momento em que as relações sociais se encontram pautadas pelo consumismo exacerbado, no qual nada é feito para durar. O momentâneo assume papel central em relação ao que antes era considerado seguro.

O sociólogo Zygmunt Bauman fez um diagnóstico sobre esse momento de transição, apresentando o passado como a modernidade sólida e o presente como a modernidade líquida. Na modernidade sólida, a ideia principal era a garantia da ordem promovida pelo Estado, que gerenciava o início do capitalismo – momento em que se construía uma identidade única para o sujeito, que buscava garantir sua sobrevivência e consumir dentro desse preceito. No segundo momento, a modernidade líquida, tem-se uma versão mais leve do capitalismo, contudo marcada pelo consumismo em voga e pelas adequações dos sujeitos de modo a viver para consumir (Bauman, 2001).

O momento compreendido como modernidade líquida trouxe mudanças que se tornaram aparentes inclusive no âmbito da Educação Física, perceptíveis na sazonalidade de determinadas práticas corporais – práticas que surgem, atingem seu auge e rapidamente perdem adeptos na mesma velocidade com que os ganham, sendo posteriormente substituídas por novas práticas, em uma relação pautada pelo consumo (Montalvão, 2018).

Em meio ao contexto de consumo, tem-se também a presença de um ideal de corpolatria que leva os integrantes da sociedade a buscarem atividades físicas, usualmente em academias de ginástica. Trata-se de um ideal que os move a permanecerem imersos em um padrão corporal estipulado, o qual também é volátil e, portanto, se altera com novas tendências (Codo; Sene, 1985).

Há poucas décadas, o halterofilismo era a atividade hegemônica dentro das academias; contudo, atualmente, “[...] encontra-se a presença de modalidades de corrida *indoor*, *Zumba*®, *CrossFit*®, *Ballet Fit*®, dentre outras” (Montalvão, 2018, p. 28). Esse movimento torna-se visível a

partir da alteração dos conceitos sociais que envolvem temas que perpassam a Educação Física, como na esfera do corpo, na qual saúde, aptidão e *fitness*, por muitas vezes, passam a ser erroneamente considerados como sendo a mesma coisa ou como sinônimos.

Compreendendo que a sociedade passou por mudanças na modernidade líquida, pode-se observar que a Educação Física sofre alterações expressivas ao entrar em contato com as “ciências-mãe”. Esse processo propiciou o surgimento das primeiras relações entre a Educação Física e as Ciências Sociais e Humanas – como a Sociologia, a Filosofia e a Antropologia –, nas quais os agentes do campo vão a essas ciências a partir de uma demanda e retornam para a Educação Física com contribuições (Gamboa, 1994). Essa abertura para as Ciências Humanas e Sociais apareceu ao final da década de 1970, por meio do processo de expansão das pós-graduações, no qual os profissionais da Educação Física buscaram outros campos do saber para cursar seus Mestrados e retornaram com conhecimentos que alteraram a estrutura de pensamento acerca da função e identidade da Educação Física (Vaz, 2008).

Compreende-se que, como apontado por Lazzarotti Filho, Silva e Mascarenhas (2014), o campo acadêmico-científico da Educação Física também passou por diversas transformações nas duas primeiras décadas do século XXI, com a abertura para novas discussões dentro do campo e o fortalecimento do fazer científico. Destaca-se o movimento de se promover relações entre as teorias de sociólogos contemporâneos e os temas da Educação Física, no intuito de compreender limites, continuidades e possibilidades de mudança no modo de se pensar e repensar a área. Percebe-se o desenvolvimento de pesquisas que remetem à relação entre a Educação Física e os sociólogos Anthony Giddens (Bungenstab, 2018; Gomes; Almeida; Vaz, 2009), François Dubet (Bungenstab, 2019), Michel Foucault (Gomes; Almeida; Vaz, 2009; Mendes; Gleyse, 2015), Norbert Elias (Medeiros; Godoy, 2009) e Pierre Bourdieu (Medeiros; Godoy, 2009).

Montalvão (2018), a fim de compreender como os escritos de Zygmunt Bauman estavam presentes nas produções científicas da Educação Física no século XXI, realizou uma pesquisa bibliométrica nos seis principais periódicos científicos do campo que publicam artigos relacionados a aspectos socioculturais.¹ A pesquisa buscava encontrar aqueles artigos que fizessem referência ao sociólogo e que, principalmente, trouxessem aproximações e contribuições relacionadas aos temas da Educação Física. Destacam-se 32 artigos que promoveram a relação Bauman-Educação Física e cinco livros mais utilizados pelos pesquisadores: *Modernidade líquida* (Bauman, 2001), *Globalização: as consequências humanas* (Bauman, 1999a), *Modernidade e ambivalência* (Bauman, 1999b), *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (Bauman, 2003) e *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* (Bauman, 2005).

A partir do resultado obtido pela pesquisa realizada por Montalvão (2022) e considerando que a teoria sociológica de Zygmunt Bauman pode contribuir ainda mais para a Educação Física, como apontado por Bungenstab, Montalvão e Lazzarotti Filho (2019), o objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições da obra de Zygmunt Bauman, destacando os principais temas e sua relação e contribuição para o campo da Educação Física.

Metodologia

Utiliza-se, neste estudo, a pesquisa bibliográfica, com a análise de cinco obras de Zygmunt Bauman. O processo de delimitação foi feito com base nas obras mais citadas pelo campo da Educação Física entre 2001 e 2017. Para a análise, empregou-se a Análise de Conteúdo,

¹ Trata-se dos seguintes periódicos: Revista Motrivivência, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Revista Pensar a Prática, Revista Movimento, Revista Licere, Revista Motriz.

categorizando os temas discutidos pelo sociólogo em correlação com a Educação Física, identificando, para cada livro, quais são esses temas, onde se encontram no texto, como se apresentam e sua possível contribuição para a área. Destaca-se que, assim como o próprio sociólogo propôs em suas obras, a análise foi realizada em um momento específico, para temas específicos, adotando uma “hermenêutica pluralizadora”, sem atribuir a ela o caráter de verdade absoluta ou exclusiva sobre o objeto em questão (Cassol; Manfio; Silva, 2021, p. 20).

A análise das obras foi realizada com base na proposta de Análise de Conteúdo de Bardin (2016). A seleção das obras deu-se a partir das pesquisas de Montalvão (2018, 2022), e a construção das categorias analíticas foi reafirmada por meio de uma leitura atenta e ativa dos textos. Durante esse processo, os termos foram anotados manualmente e agrupados como subcategorias dentro das categorias principais. Em seguida, os trechos correspondentes foram selecionados e registrados em um documento do *Microsoft Word*®. A partir desse procedimento, foram definidas as seguintes categorias de análise: corpo, saúde e aptidão; esporte; lazer; dança; jogo.

Percepções sobre temas da Educação Física aos olhos de Zygmunt Bauman

A partir da análise das cinco obras de Zygmunt Bauman mais citadas no campo da Educação Física, são apresentadas, a seguir, as noções principais desenvolvidas pelo sociólogo, com suas relações e potenciais contribuições para a área. As categorias de análise – que, como forma de exposição, serão tratadas como temas – são: 1) corpo, saúde e aptidão; 2) esporte; 3) lazer; 4) dança; 5) jogo.

Corpo, saúde e aptidão

O tema “corpo”, dentro das cinco obras analisadas de Zygmunt Bauman, aparece de modo dual: corpo social e corpo do indivíduo. O corpo social é compreendido pelas discussões acerca dos membros da sociedade e sua relação com o estado no qual vivem. Já o corpo do indivíduo, por sua vez, é representado pelo corpo humano propriamente dito, que sofre influências dos ideais postulados pelos grupos de poder na sociedade (Bauman, 2001).

Em primeiro lugar, destaca-se que o corpo esteve – e ainda está – à mercê de conselheiros, pessoas eleitas pelo grupo de poder hegemônico para afirmar o modelo e o caminho corretos a serem seguidos. Na modernidade sólida, o corpo esteve sob a influência de filósofos legisladores e conselheiros que determinavam como deveriam ser o corpo feminino e o masculino, os padrões a serem seguidos, promovendo a rotulação. Qualquer indivíduo fora desses padrões deveria ser segregado e punido por olhares e falas (Bauman, 2001).

No contexto da modernidade líquida, apesar das modificações estruturais e conceituais na sociedade, a ideia de padrão corporal ainda persiste. Entretanto, surgem múltiplos padrões, que guiam os indivíduos na direção do que se considera “normal e correto a se seguir”, acompanhados por novos conselheiros a serviço do grupo hegemônico para promover esses modelos. Bauman (2001) cita Jane Fonda como exemplo: ela vendia livros e vídeos de exercícios físicos para mulheres na década de 1980, demonstrando que seu corpo era fruto de sua própria produção – e que outras mulheres deveriam seguir seu exemplo para alcançar o corpo perfeito.

Olhem meu corpo: é esguio, flexível, tem boa forma – perenemente jovem. Você certamente gostaria de ter – de ser – um corpo como o meu. Meu corpo é meu trabalho; se você se exercitar como eu, você poderá tê-lo. Se você sonha em “ser como Jane Fonda”, lembre-se que fui eu, Jane Fonda, que fiz de mim a Jane Fonda desses sonhos (Bauman, 2001, p. 79-80).

Atualmente, com o advento da internet, diversos “*influencers*” assumem o papel de conselheiros da população. Eles ditam, para diferentes faixas etárias, como alcançar o corpo ideal – seja ele masculino, musculoso e atlético; feminino, magro ou atlético; ou ainda *plus size*. Para cada categoria, há uma gama de padrões e representantes específicos.

A responsabilização do indivíduo por seu próprio corpo é uma marca da modernidade líquida. Com o enfraquecimento do poder centralizado na mão do Estado, cuidar da saúde e do bem-estar torna-se responsabilidade dos próprios indivíduos, que devem cuidar de si – e arcar com as consequências cabíveis por seus atos incorretos para consigo, sendo julgados por si mesmos e pela sociedade. Algumas situações que se tornam explícitas na sociedade podem causar alvoroços ao serem incompreendidas:

[...] o clamor público chega ao máximo e ao mais vingativo quando se trata de danos provocados aos corpos humanos. O tabagismo, ofensas sexuais e excesso de velocidade, as três injúrias condenadas com maior veemência pela opinião pública e para as quais há demanda de punição mais dura, se conectam estritamente pelo medo da falta de proteção ao corpo (Bauman, 2003, p. 131).

No debate sobre o corpo, observa-se uma subdivisão que denota a transição da modernidade sólida para a líquida, expressa pela passagem do valor da saúde para o da aptidão (*fitness*). A saúde é “[...] uma condição corporal e psíquica que permite a satisfação das demandas do papel socialmente designado e atribuído [...]” (Bauman, 2001, p. 91). O conceito de saúde está relacionado à capacidade de o corpo suportar aquilo que se espera dele dentro de um contexto comum. Isso significa que pensar em um trabalhador saudável implica que ele tem resistência corporal e mental para desempenhar sua função, permanecendo em seu emprego sem danos econômicos ao empregador.

Já a aptidão é um estado variável e “[...] ‘estar apto’ significa ter um corpo flexível, absorvente e ajustável, pronto para viver sensações ainda não testadas e impossíveis de descrever de antemão” (Bauman, 2001, p. 91). Ela é apontada pelo próprio sociólogo como sinônimo de *fitness*. É no ideal de aptidão que se expressa a preocupação da modernidade líquida com o corpo: a aptidão para consumir. Buscam-se vivências que proporcionem sensações positivas e memórias que possam ser vistas e compartilhadas.

Nesse contexto, insere-se o ideal de cuidar de si e de seu corpo para estar apto, naquele momento específico, a ultrapassar os limites do comum e superar as expectativas. Esse ideal prevalece para todos os contextos: no trabalho, onde o funcionário precisa estar disposto a ir sempre além das capacidades físicas e mentais esperadas; no lazer, onde ele irá se aventurar no inesperado e desconhecido.

Bauman (2001, p. 91-92) mostra que, com a mudança no valor dado à aptidão em detrimento da saúde do indivíduo, altera-se também a ideia que se tinha sobre a doença. Enquanto, na modernidade sólida, ela era normatizada e havia um protocolo a ser cumprido, desde o início até o fim de seu acontecimento, na modernidade líquida, a preocupação com a prevenção ganha destaque, aplicando-se tratamentos que – por vezes – podem apresentar riscos de causar outras doenças, gerando uma constante de tratamentos e terapias para aumentar a “saúde” do indivíduo (esta que será afetada posteriormente na busca pela aptidão corporal e mental).

A condição de pertencer a vários grupos para consolidar múltiplas identidades promove o incentivo ao consumo de elementos específicos na modernidade líquida. A título de exemplo, Bauman (2001, p. 98) afirma que “[...] um comercial de TV mostra uma multidão de mulheres com uma variedade de penteados e cores de cabelos, enquanto o narrador comenta: ‘Todas únicas; todas individuais; todas escolhem X’ (X sendo a marca anunciada de condicionador)’. Os meios de

comunicação passam a propagar o que cada grupo deve consumir, estabelecendo elementos identitários em dimensões macro e micro: como macrodimensão, tem-se, por exemplo, o grupo das mulheres que consomem tinta para cabelo; a microdimensão é expressa pela coloração do cabelo e pelo penteado assumido pelas comunidades identitárias.

Quando no filme Elizabeth a rainha da Inglaterra decide “mudar sua personalidade”, tornar-se a “filha de seu pai” e forçar os cortesãos a obedecerem a suas ordens, ela o faz mudando o penteado, cobrindo o rosto com grossa camada de pinturas artesanais e usando uma tiara também feita por artesãos (Bauman, 2001, p. 99).

Um ponto que merece destaque é justamente a necessidade de alteração frequente de penteados, maquiagem, vestimenta e acessórios, que inicialmente eram obrigatórios às mulheres, mas que a sociedade passou também a exigir dos homens no contexto hodierno, com uma pressão crescente por cuidados mais atenciosos nesses aspectos. No caso dos homens, os símbolos de identidade podem ser percebidos pelo modelo de corte de cabelo, de barba, de sobrancelha esteticamente definidos na barbearia do bairro ou na barbearia de luxo; pela camisa do time de futebol, original ou similar; ou ainda pelo sapato social, tênis de basquete, chuteira de futebol, entre outros. Esses cuidados não são os mesmos para indivíduos com diferentes níveis de poder aquisitivo, haja vista que há uma maior concentração de possibilidades e prioridade nesses elementos entre os considerados economicamente privilegiados. Ou seja, quando se trata de produtos e vestimentas:

Os globais podem obter os equivalentes da *haute couture* da indústria da segurança. Os demais, não menos atormentados pela corrosiva sensação da insuportável volatilidade do mundo, mas não suficientemente voláteis eles mesmos para se equilibrarem nas ondas, têm em geral menos recursos e precisam se contentar com as réplicas baratas, produzidas em massa, da alta moda (Bauman, 2003, p. 103).

Assim sendo, o motivo para seguir um padrão estético é sentir-se parte de um grupo e ser reconhecido como um igual e, dessa forma, ter e exercer determinado poder naquele espaço. Essa lógica cria as chamadas “comunidades de guarda-roupa” e o processo de criação de identidades fluidas, como ocorre, por exemplo, com um indivíduo que frequenta uma academia, dedicando-se ao fisiculturismo, e que participa de um motoclub, agindo de formas diferentes no mesmo dia, adaptando-se às regras de cada contexto grupal. Quando está no ambiente da academia, assume determinadas atitudes e preceitos constituintes daquele espaço, portando-se de forma condizente e conversando sobre temas relacionados ao fisiculturismo. Esse mesmo indivíduo, ao estar no motoclub, agirá de outra maneira e com outro preceito, desta vez tratando de temas relacionados e aceitos por este outro grupo, o motociclismo.

Bauman (2001) contribui para o âmbito das discussões éticas e estéticas do corpo ao tratar dos novos conselheiros modernos. Eles ocupam o lugar dos antigos filósofos e legisladores ao postularem sobre como ser e como agir, mas agora rompem com o ideal de saúde. Eles propõem alterações corporais com finalidade estritamente estética – quase obrigatória – para integrar uma comunidade específica, o que gera consumismo, com grande lucro e movimentação de capital para um grupo seletivo. Isso rompe com a ética pré-estabelecida do corpo saudável e natural em troca de um corpo que é, exclusivamente nesse momento, considerado perfeito.

O arquétipo dessa corrida particular em que cada membro de uma sociedade de consumo está correndo (tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha – a compulsão que se evolui até se tornar um vício e assim não é mais percebida como compulsão) é a atividade de comprar (Bauman, 2001, p. 87).

Dentro dessa lógica de vício e compulsão, emerge a vigorexia em fisiculturistas, que treinam intensamente e de modo desenfreado, com uma visão distorcida do próprio corpo. Outro impacto

dessa corpolatria é o aumento constante na busca por cirurgias plásticas, como mamoplastia de aumento (silicone), lipoescultura, bioplastia de glúteos ou o uso de medicamentos duvidosos e sem prescrição médica para emagrecimento rápido (Montalvão, 2018). Muito disso se deve ao desejo de alcançar um *status* e ser glorificado pela sociedade em geral.

O termo “exercício”, nas obras de Bauman, mantém-se analisado em relação ao “exercício corporal”, haja vista que ocorrem casos, como em *Modernidade e ambivalência* (Bauman, 1999b), em que, das 13 aparições, todas têm outro sentido, como no exemplo: “A dicotomia é um exercício de poder e ao mesmo tempo sua dissimulação [...]” (Bauman, 1999b, p. 22).

Bauman (2001, p. 153) exprime a alteração no valor atribuído ao exercício entre a modernidade sólida e a modernidade líquida: na modernidade sólida, predominava a máxima baseada em Henry Ford, de que “Exercício é bobagem. Se você for saudável, não precisa dele; se for doente, não o fará”, demonstrando desprezo pelo exercício físico, já que a preocupação era com a saúde do trabalhador e seu potencial de produzir, em larga escala, a atividade que desempenhava. Na modernidade líquida, há valorização do exercício físico, e entende-se que há um preço alto a ser pago pelo indivíduo que deseja alcançar um padrão elevado de aptidão. Para Bauman (2001, p. 94-95):

Como quase toda ação numa sociedade de consumidores, esta custa caro; requer diversos mecanismos e ferramentas especiais que só o mercado de consumo pode fornecer. A atitude “meu corpo é uma fortaleza sitiada” não leva ao ascetismo, à abstinência ou à renúncia; significa consumir mais – porém consumir alimentos especiais, “saudáveis”, comprados no comércio. Antes de ser retirada do mercado por seus efeitos prejudiciais, a droga mais popular entre as pessoas preocupadas com controle de peso era o *Xenilin*, anunciada pelo slogan “coma mais e pese menos”. Segundo os cálculos de Barry Glassner, em um ano – 1987 – os norte-americanos preocupados com o corpo gastaram 74 bilhões de dólares em alimentos dietéticos, cinco bilhões em academias, 2,7 bilhões em vitaminas e 738 milhões em equipamentos de exercícios.

A busca incessante pela aptidão acaba por trazer prejuízos ao corpo humano, que vai tendo sua saúde esvaída, gerando a necessidade de consumir produtos para restabelecê-la e promover uma sensação de saúde que mascare os problemas recorrentes. A procura por produtos e dietas “milagrosas”, que prometem resultados instantâneos, torna-se frequente, mesmo com seus riscos explícitos. Há investimentos em equipamentos de exercícios, há quem invista em academias ou frequente espaços públicos que oferecem a possibilidade de trabalhar o próprio corpo. O preço a ser pago é em dinheiro – ou à custa da própria vida do interessado em ter o corpo da moda.

Partindo das ideias de Bauman, é possível compreender também a volatilidade de algumas práticas corporais. No que se refere às academias, o que antes era seu carro-chefe – o halterofilismo – hoje se encontra obsoleto, perdendo espaço para novas atividades, como a corrida *indoor*, o *CrossFit®*, o *Ballet Fit®*, entre outras que surgem a cada dia (Montalvão, 2018).

Estar em movimento nunca esteve tanto em voga quanto na modernidade líquida. Bauman (2001, p. 148) aponta que há risco em “[...] tudo o que é volumoso, sólido e pesado – tudo o que impede ou restringe o movimento”, já que se vive em um contexto no qual tudo que é fluido e instantâneo é valorizado.

Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares [...]. pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade. Peso e tamanho, e acima de tudo a gordura (literal ou metafórica) acusada da expansão de ambos, compartilham o destino da durabilidade. São os perigos que devemos temer e contra os quais devemos lutar; melhor ainda, manter distância (Bauman, 2001, p. 148-149).

Com base no que foi apresentado, a ideia que se tem de corpo em Bauman é pautada no controle e na apresentação de regras específicas a aplicar a si para ingressar e ser respeitado em determinado grupo na sociedade. Têm-se vários ideais de “corpo perfeito”, abertos à possibilidade de escolha do indivíduo, com representantes e conselheiros específicos para cada um deles, ditando as normas específicas.

A sociedade age com olhos de juiz para com os seus membros, verificando e julgando aqueles que têm ou não se atentado aos seus corpos e à aptidão que eles transmitem. Para além disso, indica produtos a serem comprados e procedimentos estéticos e cirúrgicos que devem ser realizados para alcançar o modelo corporal esperado, muitas vezes, o “*fitness*”, gerando a corpolatria, contribuindo para entender a massiva busca por academias e por *personal trainers*. O controle sobre os corpos ultrapassa a estética e a superfície corporal, incluindo elementos como acessórios, tatuagens, cortes de cabelo e barba, sobrancelhas e vestimenta. O incentivo a se manter em movimento também está em voga na modernidade líquida, sendo colocado como um dos princípios da rotina dos indivíduos, movimentando-se nos trajetos que realiza ou, ainda, com a prática de atividades físicas.

Esporte

A temática do esporte é recorrente na produção de Zygmunt Bauman, estando presente nas cinco obras analisadas. O sociólogo discute o tema em suas relações com os espaços destinados à sua prática, a indústria que envolve os esportes com fins lucrativos e, por fim, a influência social dos atletas que se tornam celebridades. No contexto esportivo, há dinâmicas ocultas que transcendem a prática ou a exibição do esporte. Bauman ressalta a posição social de “jogador”, principalmente de “jogador de futebol”, como um elemento central na reprodução do modelo social de consumo.

Bauman (2003) menciona uma reflexão do novelista e filósofo tcheco Ivan Klima sobre o papel das celebridades na sociedade. Segundo Klima, é essencial haver figuras de destaque que sejam amplamente visíveis. Mesmo em meio ao caos social, essas pessoas permanecem protegidas e exibem um estilo de vida quase perfeito, criando a ilusão de que os problemas vividos pela maioria da população não as afetam – como se as mazelas da sociedade simplesmente não existissem. Os elencados para essa função social são, para Klima: “Jogadores de futebol, de hóquei sobre o gelo, de tênis e de basquete, guitarristas, cantores, atores de cinema, apresentadores de tevê e *top models* [...]” (Bauman, 2003, p. 65). Essas figuras funcionam como distrações, desviando a atenção das dificuldades vividas pela maioria da população.

Em outro momento, na obra *Modernidade Líquida*, Bauman (2001, p. 84-85) afirma:

No espetáculo colorido das celebridades da telinha e das manchetes, os homens e mulheres de Estado não ocupam uma posição privilegiada. Não importa muito qual a razão da “notoriedade” que, segundo Boorstin, faz com que uma celebridade seja uma celebridade. Um lugar sob os refletores é um modo de ser por si mesmo, que estrelas do cinema, jogadores de futebol e ministros de governo compartilham em igual medida. Um dos requisitos que se aplica a todos é que se espera – “eles têm o dever público” – que confessem “para consumo público” e ponham suas vidas privadas à disposição, e que não reclamem se outros o fizerem por eles.

Desse modo, como se observa nessa citação e na obra *Modernidade e ambivalência* (Bauman, 1999a, p. 60-61), o autor indica que as condições sociais criam a necessidade de haver alguém a ser tomado como exemplo – nos mais variados âmbitos da vida, inclusive no que se refere ao consumo. Daí a inevitabilidade da exposição da vida privada de celebridades – incluídos aí os jogadores de

futebol de grandes clubes ou de grandes feitos no contexto do esporte – como *conditio sine qua non* para acessar o sucesso almejado. Além disso, são transformados em mercadoria propriamente dita, por venderem a si mesmos e suas habilidades corporais esportivas. Nesse contexto, deve-se explicitar que as empresas patrocinadoras obtêm altos lucros por meio da utilização de diversos elementos culturais, como aponta Bauman (2005, p. 34):

Até mesmo o patriotismo, o ativo mais zelosamente preservado pelos Estados-nações modernos, foi transferido às forças do mercado e por elas remodelado para aumentar os lucros dos promotores do esporte, do *show business*, de festividades comemorativas e da indústria da memorabilia.

Essa exposição da vida dos jogadores de futebol envolve a criação de um estilo de vida idealizado, atraente, a ser cultuado por seus seguidores no *Instagram*. Cabe destacar que os jogadores de futebol nem sempre escolhem os produtos que utilizam. Eles acabam seguindo aquilo que lhes é indicado como ideal – seja por influência do mercado, seja pela recomendação de seus patrocinadores. Quando determinada chuteira é utilizada por um jogador, não está sendo dito que ela é a mais adequada ou a mais macia, mas sim que o patrocinador solicitou seu uso, visando aumentar os lucros da empresa ao vincular o produto a uma celebridade – que, nesse caso, é utilizada como um mero fantoche do consumo.

Com um olhar sociológico para o futebol, Bauman (2003, 2005) traz à tona a formação das “comunidades-cabide” ou “comunidades de guarda-roupa” e estabelece relação com as partidas do esporte. Em *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, Bauman (2003) explicita que eventos esportivos funcionam como “cabides”, nos quais os participantes se permitem esquecer os dilemas da vida cotidiana para desenvolver um sentimento coletivo, vivendo e experimentando aquele momento ao lado de outras pessoas com interesses momentaneamente semelhantes. No entanto, cabe afirmar que esse afastamento da individualidade dura apenas o tempo da partida, havendo, logo em seguida, o retorno à vida cotidiana e a seus próprios desafios. Bauman (2005, p. 37), em *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, retrata:

Daí a crescente demanda pelo que poderíamos chamar de “comunidades guarda-roupa” - invocadas a existirem, ainda que apenas na aparência, por pendurarem os problemas individuais, como fazem os frequentadores de teatros, numa sala. Qualquer evento espetacular ou escandaloso pode se tornar um pretexto para fazê-los um novo inimigo público elevado à posição de número 1: uma empolgante partida de futebol; [...] ou o casamento, divórcio ou infortúnio de uma celebridade atualmente em evidência. As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides.

Dessa forma, evidencia-se a relação entre o torcedor e a experiência vivida no estádio. Durante a partida, ele se permite comemorar, rir, sofrer ou, ainda, abraçar pessoas que nunca viu antes, mas que entoam em uníssono o hino de seu time – fazendo, naquele momento específico, a fuga de sua realidade para vivenciar um sentimento coletivo. Assim, a comunidade guarda-roupa se forma e se dissolve com o fim do espetáculo, dando lugar ao retorno à rotina costumeira.

Consequentemente, considera-se que, embora Bauman não proponha um conceito específico de esporte, ele contribui significativamente para sua análise. Em suas obras, o sociólogo aborda os espaços destinados à prática esportiva como espaços públicos não civis (nos quais se pratica o esporte com outras pessoas, mas tendo a individualidade como principal elemento, sem perceber os demais que ali estão); desenvolve aproximações com a indústria do esporte; destaca o sentimento de pertencimento momentâneo vivido ao ser membro de uma torcida esportiva; e analisa o papel dos jogadores famosos na contribuição para o desenvolvimento da indústria do consumo.

Por meio dos destaques apresentados por Bauman em suas cinco obras, é visível a análise com relação direta aos elementos da Educação Física e a possibilidade de partir de sua teoria para explicar contextos atuais, como, por exemplo, o caso dos torcedores nos estádios de futebol ou dos jogadores *influencers* no *Instagram* e em outras redes sociais. Entretanto, muitas vezes, o esporte é apenas tangenciado, sendo utilizado como exemplo para ilustrar as transformações nas relações sociais na modernidade líquida, sem que haja um aprofundamento específico sobre a temática do esporte como um dos objetos estudados pela Educação Física.

Lazer

O lazer em Zygmunt Bauman é retratado de modo dual, pois o sociólogo distingue a experiência vivida por dois grupos distintos, mas complementares na sociedade: os turistas e os vagabundos. Em *Globalização: as consequências humanas*, Zygmunt Bauman (1999a) expõe que, na modernidade líquida, um fator importante para se identificar o potencial de consumo dos indivíduos é o seu grau de mobilidade na sociedade, ou seja, há a diferenciação entre aqueles que apresentam os requisitos e recursos necessários para não se manterem em um só espaço e com os mesmos objetos – rompendo com as fronteiras geográficas –, sendo estes considerados globais, “os turistas”. Contudo, há o grupo que está preso a um mesmo local por toda a vida, salvo pequenos momentos que possam propiciar uma leve sensação ilusória de mobilidade global: os “vagabundos”.

Quanto ao lazer em específico, ressalta-se que os turistas são aqueles membros da sociedade que possuem alto poder aquisitivo e que buscam satisfazer seus desejos de viagens – seja com a finalidade de trabalho ou de lazer – e de compras internacionais, podendo experimentar as mais diversas sensações relacionadas aos espaços e eventos, possuindo sempre o melhor possível de cada um deles. Esse grupo “nômade” (Bauman, 1999a, p. 100) é considerado global por sua capacidade de viajar frequentemente em primeira classe ou, ainda, por possuir meios próprios de transporte – ou o potencial para alugá-los quando desejar – como aeronaves, *trailers*, casas sobre rodas, iates, navios, entre outros.

Destaca-se que a vida de andarilho levada por eles não é resultado de uma preferência única e exclusivamente pessoal, mas sim uma imposição do sistema, havendo pressão para permanecerem em constante movimento. Aos que resistem, é sugerido: “Se estão se movendo é porque ‘ficar em casa’ num mundo feito sob medida para o turista parece humilhante e enfadonho e, de qualquer modo, a longo prazo não parece uma proposta factível” (Bauman, 1999a, p. 100-101).

O grupo dos “vagabundos” é heterogêneo, incluindo desde aqueles com médio poder aquisitivo – inferior ao dos turistas – que enfrentam “[...] uma aguda incerteza existencial, ansiedade e medo” (Bauman, 1999a, p. 10), embora consigam ocasionalmente viajar e consumir alguns produtos, até aqueles em extrema vulnerabilidade, forçados a migrar em condições precárias para sobreviver, correndo o risco de deportação. Apesar da marginalização, esse grupo possui um papel significativo: “O problema, porém, é que a vida dos turistas não teria nem a metade do prazer que tem se não fossem os vagabundos à volta para mostrar como seria a alternativa a essa vida, a única alternativa que a sociedade dos viajantes torna realista” (Bauman, 1999a, p. 106). Os vagabundos são, portanto, uma mera personificação do modelo a não ser seguido pelos turistas e, ao mesmo tempo, um grupo que almeja alcançar os mesmos patamares econômicos e sociais tidos por eles, mesmo sabendo que isso é, na prática, inviável.

Consequentemente, vagabundos e turistas estão mutuamente interligados, sendo necessários para o pleno andamento da sociedade e do capital. A semelhança entre ambos está no fato de que todos são consumidores: “Tanto o turista como o vagabundo foram transformados em

consumidores, mas o vagabundo é um consumidor frustrado” (Bauman, 1999a, p. 104). O vagabundo não possui elevado potencial de consumo, o que restringe seu acesso a produtos e experiências consideradas de luxo, sendo incapaz de enriquecer o mercado do turismo e, por essas razões, considerado economicamente indesejado e insignificante. Grande parte do grupo dos turistas se enfurece diante da necessidade de o Estado arcar com políticas assistencialistas voltadas à sobrevivência do grupo dos vagabundos.

Analisando as cinco obras de Zygmunt Bauman, são perceptíveis alguns elementos do lazer: “viagem”, “pontos turísticos”, “parque temático”, “um calçadão de lazer ou uma marina superlotada” (Bauman, 1999a, p. 93), “salas de concertos ou exposições” (Bauman, 1999a, p. 93), “animais de lazer” (Bauman, 1999a, p. 35), “áreas de esportes” (Bauman, 1999a, p. 35), “casas de praia”, “*shoppings centers* e cafés”, além de “descanso” e “relaxamento”.

A temática da “viagem”, conforme Bauman (1999a, 2005), tem uma dimensão maior do que apenas o deslocamento físico de um local a outro, significando concomitantemente poder navegar na internet e descobrir outros lugares, culturas, conteúdos e pessoas. Assim sendo, a nova elite global tem uma maior liberdade para viajar. Bauman (2001) observa que, ao fazerem uma viagem de lazer, os turistas (personificação do capital) não levam consigo nada além do que seja de uso pessoal e exclusivo, por saberem da possibilidade de adquirir, onde quer que estejam, todos os outros elementos necessários para suprir suas necessidades.

Bauman (2001, p. 87) apresenta a associação entre lazer e consumo em suas obras, como na afirmação: “[...] vamos às compras tanto nas lojas quanto fora delas; vamos às compras na rua e em casa, no trabalho e no lazer, acordados e em sonhos”. Ele constata o consumismo – vício que se torna visível até mesmo nos momentos de lazer – seja como elemento integrante de uma atividade (como pagar para frequentar determinado espaço), seja pelo ato de comprar em si, tratado como atividade de lazer:

O arquétipo dessa corrida particular em que cada membro de uma sociedade de consumo está correndo (tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha – a compulsão que se evolui até se tornar um vício e assim não é mais percebida como compulsão) é a atividade de comprar (Bauman, 2001, p. 87).

Partindo de Bauman, percebe-se que o próprio lazer se torna mercantilizado, tendo o ato de comprar como seu princípio norteador e o *shopping center* como o vendedor de estilos de vida (Bauman, 1999b). Ao pensar-se em um final de semana em família, surge a possibilidade de reuni-la em um *shopping center*, comprar uma comida diferente daquela costumeira – um *fast food* para as crianças, independentemente dos impactos à saúde em longo prazo, que podem demandar mais gastos. Após o almoço, ir ao cinema, consumir também o estacionamento para manter o veículo seguro naquele local, percorrer os corredores de lojas e comprar uma roupa que não era necessária, mas que trouxe uma breve sensação de prazer naquele momento.

Não apenas nesse contexto, mas também ao se pensar que academias são inseridas dentro dos *shopping centers* como forma de incentivar tanto o consumo do aspecto corporal quanto o de produtos próprios para aquele espaço – como vestimentas e acessórios disponíveis no mesmo centro comercial. Eis aí a base para o consumismo: incentivar o consumo compulsivo como única forma de salvação e sentido da vida na modernidade líquida.

O sociólogo também retrata a alteração do momento de lazer, que agora inclui o uso de celulares, demonstrando a facilidade de se comprar um aparelho em qualquer loja da cidade, substituindo os momentos de lazer coletivo e de reflexão pessoal pelo uso de um aparelho que leva à condição descrita por Bauman (2005, p. 33): “Ligados no celular, desligamo-nos da vida”. O impacto do uso do celular é perceptível até mesmo em situações de viagem, quando, nos

aeroportos, as pessoas estão imersas em seus celulares e fones de ouvido, ignorando tudo e todos ao redor. Um celular que poderá ser trocado a qualquer momento, por meio do processo de obsolescência programada, no qual os equipamentos são produzidos com uma vida útil reduzida, obrigando o consumidor a adquirir outro mais atualizado, mesmo que o antigo ainda esteja em bom estado.

O lazer da modernidade líquida não permite interações expressivas entre as pessoas ou a formação de vínculos, mesmo quando se visitam os “pontos turísticos”; vive-se como se se fosse o único a estar ali naquele momento, gerando a sensação simultânea de individualidade e de imperceptibilidade do outro (Bauman, 2001, p. 114). Os únicos a quebrar essa barreira, conforme Bauman (1999b, p. 67), são os diplomatas, os viajantes comerciais e os etnógrafos, por desempenharem funções que exigem comunicação com os “estranhos”.

O descanso é outro elemento dentro do tema lazer discutido por Bauman, sendo muitas vezes secundarizado. Essa é uma estratégia utilizada pelos grupos hegemônicos para manter os consumidores em constante estado de aptidão ao consumo, pois:

Para aumentar sua capacidade de consumo, os consumidores não devem nunca ter descanso. Precisam ser mantidos acordados e em alerta sempre, continuamente expostos a novas tentações, num estado de excitação incessante — e também, com efeito, em estado de perpétua suspeita e pronta insatisfação (Bauman, 1999a, p. 91-92).

Há espaços dentro da própria sociedade que demonstram a impossibilidade de tempo para o descanso. Dentre eles, Bauman (2001, p. 113) cita a praça *La Défense*, situada em Paris, que não apresenta bancos ou árvores para propiciar um momento de descanso, mas sim uma plataforma visível a todos, abrindo espaço para que os passantes julguem os que estão parados.

Pode-se acrescentar uma associação entre as ideias de Bauman e a Educação Física, haja vista que o sociólogo apresenta, em suas obras, a possibilidade de experimentar diferentes sensações relacionadas ao mesmo elemento, partindo da divisão entre turistas e vagabundos. Os turistas são bem recebidos pela lógica de consumo do capital, apresentam condições financeiras para frequentar espaços de qualidade e receber o tratamento adequado, enquanto os vagabundos sonham em alcançar a vida dos turistas, com acesso a uma ampla gama de possibilidades e sendo bem recebidos por onde passam (Bauman, 2001, p. 101).

Quando se pensa na Educação Física, é possível lembrar de situações em que o momento de lazer e a discussão em torno do tema futebol evidenciam essa subdivisão entre turistas e vagabundos: o lazer em quadra poliesportiva *versus* o jogo de várzea. Por um lado, os chamados turistas podem se aventurar em partidas dentro de estádios, alugar quadras de areia, quadras poliesportivas, clubes para festas privadas, entre outras possibilidades oferecidas pelo capital. Por outro lado, têm-se os vagabundos, que almejam experimentar os espaços frequentados pelos turistas, mas, por limitações financeiras, reúnem-se em seus bairros aos finais de semana para jogar futebol com a vizinhança, organizando campeonatos, contratando juízes e carro de som, na expectativa de vivenciar a sensação de estar em um estádio oficial – mesmo que estejam simplesmente em uma quadra de chão batido, com bola semioficial e traves removíveis improvisadas.

Observando essa situação, o capital age e impacta-os ao possibilitar patrocínios e estimular essas práticas, fazendo com que os jogadores de várzea permaneçam nos mesmos espaços e sejam desestimulados a frequentar os espaços dos ditos turistas. Ou seja, perpetua-se a divisão entre turistas e vagabundos.

O sociólogo demonstra um lazer mercadológico, voltado ao consumo de espaços e de coisas, envolvendo amplamente o contexto do turismo como quase uma obrigação – principalmente para o grupo dos turistas, que é bem recebido aonde quer que vá –, ao contrário do grupo dos vagabundos, que é convidado a se retirar, implícita ou explicitamente, gerando experiências distintas para os membros dos dois grupos. Esse lazer é individualista, gerando a sensação de se estar sozinho mesmo rodeado por desconhecidos. A temática do lazer, nas obras analisadas, é, portanto, discutida como uma representação da obrigação de consumir – mais do que de seus demais aspectos essenciais.

Dança

Um dos temas apresentados e discutidos por Bauman em três das cinco obras analisadas é a dança. Algumas vezes, o autor utiliza o termo para discutir a arte de dançar e, em outros momentos, como metáfora. Isso se torna mais evidente no livro *Modernidade Líquida* (Bauman, 2001), quando o sociólogo, ao comentar uma metáfora extraída do texto de Nigel Thrift², faz uma nota de rodapé em que emprega os elementos “dançar” e “surfar” para explicar o capitalismo mole, discordando do autor citado no que diz respeito à facilidade de se dançar ou surfar:

Os ensaios de Thrift servem para abrir os olhos, mas o conceito de “capitalismo mole” utilizado no título e em todo o texto parece um nome equivocado – e uma caracterização que leva ao erro. Não há nada de “mole” no capitalismo de software da modernização leve. Thrift observa que “dançar” e “surfar” estão entre as melhores metáforas para aproximar a natureza do capitalismo em sua nova forma. As metáforas são bem escolhidas, pois sugerem falta de peso, leveza e facilidade de movimento. Mas não há nada de “mole” na dança ou no surfe diários. Dançarinos e surfistas, e especialmente os que vivem na pista do salão de baile lotado ou na costa batida por altas ondas, precisam ser duros, e não moles. E são duros – como poucos de seus predecessores, capazes de ficar parados ou mover-se em trilhas claramente marcadas e bem mantidas, jamais precisaram ser. O capitalismo software não é menos firme e duro que seu ancestral hardware. E líquido não quer dizer mole. Basta pensar no dilúvio, numa inundação ou na ruptura de um dique (Bauman, 2001, p. 251).

Desse modo, o sociólogo faz a defesa da habilidade e do treinamento necessários para se dançar e surfar, entendendo que aqueles que assistem a uma apresentação ou competição podem acreditar tratar-se de algo gracioso, fácil e despretenso, que aparenta ser leve e fácil. Contudo, são atividades que demandam trabalho e empenho no processo anterior, durante e depois do momento presenciado, não sendo algo tão leve ou “mole” de se fazer quanto se aparenta (Bauman, 2001).

O tema “dança” aparece em um segundo momento, mas de um modo mais aprofundado, relacionado ao caso particular de judeus e ao processo de assimilação, no livro *Modernidade e ambivalência* (Bauman, 1999b):

Quase um século depois, Scholem descobriu que o mesmo era verdadeiro quanto à sua família altamente assimilada, “germanizada”: ela praticamente não tinha relações sociais com não judeus. “Um dia me dei conta de que, para relações amistosas, nossa casa só era visitada por judeus e que meus pais só visitavam judeus.” Quase inteiramente judias eram as “aulas de dança” frequentadas por adolescentes de “boas famílias alemãs” (Bauman, 1999b, p. 133-134).

Com a consolidação de um grupo forte de judeus, algumas atividades específicas passaram a ser realizadas apenas entre o próprio grupo. Contudo, com o processo de assimilação, os

² Nigel Thrift é um geógrafo e cientista social. Para mais informações, ver Thrift (1997).

membros mais jovens desse grupo eram, ao mesmo tempo, vistos como parcialmente judeus e parcialmente alemães, distanciando-se assim de uma identidade única, como visto no contexto da dança. Para esse caso em específico, o sociólogo apresentou um pouco sobre o processo de assimilação, que acaba por ser uma armadilha ao tentar promover o processo de tornar-se semelhante (Bauman, 1999b, p. 121). Apesar das similaridades, o estilo de vestimenta e barba dos judeus não os homogeneizava com o resto da população; portanto, eles se diferenciavam dos alemães. Posteriormente, o Estado passou a agir de modo a sobrepor o biológico e ditar como se deveria ser naquela sociedade. Naquele contexto, os judeus alemães costumavam exibir, com certo orgulho, a riqueza que consolidaram frente aos outros grupos judaicos, o que gerou uma situação de desejo de outros agrupamentos judeus irem à Alemanha com o mesmo intuito.

A dança é analisada em outro momento no contexto da comunidade judaica, quando Bauman retrata acerca de Jacob Wassermann, o qual, “[...] por mais alemão que fosse seu estilo, ele deixaria em tudo a marca da condição judaica” (Bauman, 1999b, p. 128). Jacob Wassermann, classificado como um escritor judaico-alemão, percebera que, independentemente de seus esforços para alcançar a glória de escritor na Alemanha, sempre seria taxado como judeu – algo que o impediria de acessar inclusive financiamentos para a produção de suas obras, restando apenas investir em sua própria carreira.

Em meio à sua separação do grupo de judeus por escolha própria e à tentativa de ingresso à comunidade alemã, Wassermann encontrou alguns entraves, visto que não fora aceito integralmente por nenhum dos dois grupos. Esse processo o levou a incidentes e percepções acerca do mundo que o rodeava, como o caso da Dança, explicitado na seção de Notas do livro *Modernidade e ambivalência* por Bauman (1999b, p. 310) quando fala sobre Wassermann:

E só tarde da noite num grande restaurante burguês judeu ... você pode encontrar criaturas de outro mundo que nunca viu até então em nenhum local judeu. Elas chegam com uma expressão de pessoas perdidas ou de turistas à procura de exotismo. Um jornalista sussurra: ‘Está vendo aquele homem lá, com aquela mulher? Sabe quem são?’ Eles se encontram pela primeira vez em um bairro judeu ... Passado um momento, vi esse famoso assimilador dançando com a companheira no meio da multidão de judeus. Mas essa boêmia judaica não intoxica. Na volta para casa, os visitantes noturnos não se sentem bêbados. Os olhos judeus estão temerosos e vigilantes. Esses homens querem se espremer na massa para parar de sentir como são solitários [...].

A situação relacionada à dança entre assimilados, judeus e alemães mostra que, por mais que os primeiros lutassem para não serem tratados como judeus, a comunidade alemã não os aceitava totalmente. Mesmo o ato de dançar em uma festa noturna não evitaria comentários que buscassem segregar a população em dois grupos. A dança era utilizada como uma forma de diminuir a solidão que o grupo de assimilados sentia frente à rejeição que recebeu naquela sociedade, como uma forma de se sentirem próximos ou inseridos em algum grupo ou contexto, ainda que por poucos momentos.

Partindo-se de Bauman, pode-se analisar a Dança no contexto hodierno, percebendo as transformações que ocorreram com esse tema no decorrer dos anos: na modernidade sólida, havia a expressão do Balé Clássico como uma atividade requintada, acompanhada de música clássica, realizada pelos grupos hegemônicos da sociedade, que tinham essa dança como um elemento de satisfação em seus grandes banquetes.

Na modernidade líquida, vê-se a expressão do Balé Contemporâneo, que utiliza movimentos mais fluidos e mistura elementos de outras danças, transgredindo os movimentos retos e bem criteriosos do balé clássico e suas composições. Bauman contribui para compreender que a volatilidade da modernidade líquida se apresenta como um fator de mudança, inclusive na

dança. Se antes havia duas categorias de balé, surgem nas academias e nos estúdios mais uma nova: o *Ballet Fit®* ou *Ballet Fitness*, que une outros exercícios físicos aos movimentos basilares do balé.

Outro elemento que pode ser analisado ao se partir dos pensamentos de Bauman é a grande variação de danças nas academias de ginástica: inicialmente, selecionavam-se estilos musicais tradicionais para serem contemplados e expressados dentro da dança a que pertenciam, como balé, forró, samba, *hip hop*, sertanejo. Passado o primeiro momento, inseriram-se novas modalidades de dança, misturando exercícios físicos com passos de múltiplos estilos de dança distintos, com aulas de *Zumba®* e de Ritmos, sendo substituídas por outras inovações de tempos em tempos. A fluidez não se encontra apenas nos passos das danças, mas também na velocidade na qual a academia abandona práticas antigas por novas formas de gastar calorias dançando as músicas do momento e agradando seu público-alvo.

Bauman analisa a dança como uma prática que exige esforço e técnica, mesmo quando aparenta leveza e facilidade. No contexto da assimilação de judeus na Alemanha, a dança funcionava como um meio de ilusória inclusão, permitindo um contato social que mascarava a falta de plena integração. Embora a trate de forma secundária em suas análises, Bauman contribui ao destacar aspectos como o treinamento e os ensaios necessários para que a dança se apresente como arte. Na modernidade líquida, a busca por diferentes formas de dança reflete sua volatilidade e, quando associada ao consumo, ela assume um papel de mercadoria, especialmente em academias. Assim, sua teoria oferece uma base relevante para compreender o contexto atual da dança, sendo mais útil nesse sentido do que suas reflexões diretas sobre o tema.

Apesar de utilizar a dança como elemento secundário para suas explicações sobre a sociedade, Bauman contribui ao afirmar algumas qualidades da dança, como o treinamento e os ensaios para transmitir a beleza como arte. Quando associada ao consumo, a dança ganha uma importância ainda maior, percebendo que ela se torna uma mercadoria no contexto hodierno, principalmente dentro das academias. A contribuição para a Educação Física é mais expressiva quando se parte de sua teoria para compreender o contexto atual da dança do que ao utilizar suas próprias palavras sobre esse tema.

Jogo

À medida que as análises eram consolidadas, tornou-se possível compreender alguns dos termos que o sociólogo Zygmunt Bauman estabelece para promover suas discussões. Entre esses termos, percebe-se uma ampla gama relacionada ao campo da Educação Física, embora frequentemente apresentem significados distintos dos empregados pela área. Para uma melhor compreensão, o exemplo da temática “jogo” trará à luz essa discussão. No que tange à temática “jogo”, assim como aos demais elementos correlacionados à Educação Física analisados neste artigo, há dois pontos de partida para análise em Bauman: a consideração do elemento jogo propriamente dito e a consideração do jogo como uma metáfora para explicar situações da vida social hodierna.

Em se tratando do jogo propriamente dito, o sociólogo aborda a crescente proximidade entre a interface dos elementos da educação e da comunicação com os jogos de computador: “De colunas em marcha a enxames; das salas de aula às redes da mídia, à internet e *softwares* de aprendizado cada vez menos diferenciados de jogos de computador” (Bauman, 2003, p. 116). Visivelmente, tem-se a aproximação com os elementos do mundo virtual e o distanciamento das ações físicas/presenciais – até mesmo para a busca por um emprego –, procedimento que utiliza aplicativos e *softwares* de fácil entendimento para a população, por meio de interfaces semelhantes às dos jogos de computador.

Para abordar o jogo como metáfora para explicar situações da vida social, é necessário compreender que esse não é o único elemento utilizado com tal finalidade. Em variados momentos de suas obras, é perceptível a presença de metáforas que relacionam alguns elementos desportivos ou de lazer às situações concretas da vida social. Dentre elas, os termos “quebra-cabeça”, “cabode-guerra”, “jogo”, “jogador” e “árbitro”. Até mesmo a metáfora da “gangorra” (Bauman, 2005, p. 111) é empregada pelo sociólogo ao tratar da flexibilidade do mundo do trabalho hodierno, de modo a representar a elevada taxa proporcional de contratações e demissões. Ou, ainda, o termo “competição” (Bauman, 2001, p. 143), utilizado para retratar a busca por manter-se vivo atualmente, em meio ao caos de demissões em massa.

O uso do termo “jogo” como metáfora para explicar situações da vida social hodierna revela contextos muitas vezes pautados por regras e relações de poder, nos quais é possível tornar-se vencedor ou perdedor. A metáfora associada ao termo “jogo” aparece em 43 ocasiões, com diferentes sentidos e significados atribuídos conforme o contexto, sendo os mais citados: “jogo da vida”, “jogo de poder” e “jogo de consumo”. Um dos elementos também empregados juntamente à metáfora do jogo é o das “regras do jogo” (Bauman, 1999a, p. 8, 29, 112-113, 121; Bauman, 2001, p. 213; Bauman, 2003, p. 48), das “regras locais do jogo” (Bauman, 1999a, p. 133-134) ou do “jogo de regras” (Bauman, 1999b, p. 262). Estes explicitam a questão de haver um ordenamento social que apresenta determinados padrões a serem seguidos para se pertencer, ainda que momentaneamente, a um grupo específico. Ou seja, para ser um membro de uma comunidade guarda-roupa, mesmo no contexto da modernidade líquida (Bauman, 2001), em que tudo flui e se altera, é necessário seguir determinado conjunto de regras – mutáveis, muitas vezes sem qualquer anúncio anterior –, para cumprir o seu próprio papel como membro social e ser aceito no sistema vigente.

Termos muitas vezes utilizados em associação à lógica do “jogo” foram “árbitro” (Bauman, 1999b, p. 262; Bauman, 2001, p. 70, 74; Bauman, 2003, p. 45; Bauman, 2005, p. 57, 59), “jogador” (Bauman, 1999b, p. 262; Bauman, 2001, p. 158, 160; Bauman, 2003, p. 45; Bauman, 2005, p. 57, 58) e “atacante” (Bauman, 2001, p. 213), como se observa no excerto:

Não se acredita mais que a “sociedade” seja um árbitro das tentativas e erros dos seres humanos – um árbitro severo e intransigente, por vezes rígido e impiedoso, mas de quem se espera ser justo e de princípios. Ela nos lembra, em vez disso, um jogador particularmente astuto, ardiloso e dissimulado, especializado no jogo da vida, trapaceando quando tem chance, zombando das regras quando possível – em suma, um perito em truques por baixo do pano que costuma apanhar todos os outros jogadores, ou a maioria deles, despreparados. Seu poder não se baseia mais na coerção direta: a sociedade não dá mais as ordens sobre como se viver – e, mesmo que desse, não lhe importaria muito que elas fossem obedecidas ou não. A “sociedade” deseja apenas que você continue no jogo e tenha fichas suficientes para permanecer jogando (Bauman, 2005, p. 58).

No período compreendido principalmente pela modernidade sólida, os filósofos legisladores exerciam a função de garantir que a sociedade ditasse o correto e o incorreto e de impor um modelo padrão a se seguir. Ela tinha, portanto, o papel de dar o “[...] apito final do árbitro, indicando o fim do jogo [...]” (Bauman, 2001, p. 74). Contudo, com a modernidade líquida, algumas transformações ocorreram e levaram a um “[...] mundo que deixou de ser um árbitro rigorosamente imparcial e se tornou um dos jogadores que, como todos os jogadores adeptos aos truques, esconde a mão e espera para trapacear se tiver a chance” (Bauman, 2003, p. 45). À vista disso, a sociedade passou a se comportar como um jogador astuto, que, por vezes, dificulta a vida de outras pessoas, mantendo “[...] as cartas coladas ao peito e gosta de surpreender você [...]” (Bauman, 2005, p. 57), o que o sociólogo vê como algo instável e sem ter os resultados de seu impacto passíveis de previsão exata no contexto social.

Para ampliar a compreensão do uso dos elementos da Educação Física como metáforas explicativas das relações sociais na modernidade líquida, apresentam-se outros exemplos, como a metáfora do “emagrecimento” corporativo (Bauman, 2001, p. 143), causada muitas vezes por demissões em massa nas empresas. Não se pode omitir o termo “cartas coladas ao peito” (Bauman, 2005, p. 57) ou “cartas fechadas junto ao peito” (Bauman, 2001, p. 158), utilizados pelo sociólogo para representar a ação da sociedade ao restringir o acesso a informações essenciais para o pleno desenvolvimento e interação social. Vale ressaltar também a metáfora do “papel de bola do futebol político”, empregada para explicitar o significado dos judeus para o Estado soviético (Bauman, 1999b, p. 173); a expressão “esperar o fim da seca por meio de uma dança da chuva” (Bauman, 2003, p. 102), ao tratar das soluções governamentais para problemas sociais; e, por fim, a afirmação “ou nadamos juntos ou afundamos juntos” (Bauman, 2005, p. 94), utilizada para tratar dos efeitos da globalização.

A título de exemplo, o sociólogo trata sobre o quebra-cabeça (Bauman, 2005, p. 11), no qual aponta que “[...] a ‘modernidade líquida’ não é um quebra-cabeça que se possa resolver com base num modelo preestabelecido”. Nesse sentido, esse termo é utilizado como metáfora para explicar contextos da identidade, da modernidade e da globalização, sempre de modo a mostrar a impossibilidade de analisar um contexto sem olhar os elementos que o rodeiam e o constroem, assim como a impossibilidade de manter um padrão único esperado para as temáticas que permeiam a modernidade líquida.

O quebra-cabeça que se compra numa loja vem completo numa caixa, em que a imagem final está claramente impressa, e com a garantia de devolução do dinheiro se todas as peças necessárias para reproduzir essa imagem não estiverem dentro da caixa ou se for possível montar uma outra usando as mesmas peças. E assim você pode examinar a imagem na caixa após cada encaixe no intuito de se assegurar que de fato está no caminho certo (único), em direção a um destino previamente conhecido, e verificar o que resta a ser feito para alcançá-lo. Nenhum desses meios auxiliares está disponível quando você compõe o que deve ser a sua identidade. Sim, há um monte de pecinhas na mesa que você espera poder juntar formando um todo significativo - mas a imagem que deverá aparecer ao fim do seu trabalho não é dada antecipadamente, de modo que você não pode ter certeza de ter todas as peças necessárias para montá-la, de haver selecionado as peças certas entre as que estão sobre a mesa, de as ter colocado no lugar adequado ou de que elas realmente se encaixam para formar a figura final (Bauman, 2005, p. 54).

Quando Benedetto Vecchi apresenta a Bauman (2005, p. 54-55) a alegoria do quebra-cabeça, o sociólogo faz um paralelo entre o instrumento em si e a metáfora relacionada à identidade: enquanto o quebra-cabeça tem seu objetivo voltado ao fim, à “racionalidade instrumental” (Bauman, 2005, p. 55) – sendo possível montar com as peças uma imagem semelhante à que está impressa na caixa –, a identidade, por sua vez, segue a “lógica da racionalidade do objetivo” (Bauman, 2005, p. 55), ou seja, não vem com manual de instrução nem com peças exatas; seu resultado é incerto, pode ser árduo e, depois de tudo, acabar parecido ou muito distante daquele resultado estimado e almejado.

Outro elemento correlacionado à Educação Física, utilizado para a construção de metáforas, foi o “cabo-de-guerra”, conhecido por ser um jogo em que duas equipes disputam, cada qual segurando uma ponta da corda e puxando-a com força e estratégia. O excerto que apresenta esse termo é: “A política hoje se tornou um cabo-de-guerra entre a velocidade com que o capital pode se mover e as capacidades cada vez mais lentas dos poderes locais, e são as instituições locais que com mais frequência se lançam numa batalha que não podem vencer” (Bauman, 1999b, p. 172).

Quanto ao termo “corrida”, há uma particularidade: além de ter sido utilizado como metáfora sobre a corrida espacial (Bauman, 2001, p. 96), juntamente com o termo “linha de

chegada”, ele é empregado para exemplificar o movimento do consumismo em paralelo à Maratona de Londres:

Na corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores; mas a maioria dos corredores na pista tem músculos muito flácidos e pulmões muito pequenos para correr velozmente. E assim, como na Maratona de Londres, pode-se admirar e elogiar os vencedores, mas o que verdadeiramente conta é permanecer na corrida até o fim. Pelo menos a Maratona de Londres tem um fim, mas a outra corrida – para alcançar a promessa fugidia e sempre distante de uma vida sem problemas –, uma vez iniciada, nunca termina: comecei, mas posso não terminar (Bauman, 2001, p. 86).

O ponto principal de diferenciação em relação à Maratona de Londres, apontado por Bauman, está no fato de que, enquanto ela tem objetivo, trajetória e linha de chegada pré-determinados, a corrida do consumismo nunca é saciada por completo. Trata-se de um percurso atrelado a inúmeros fatores que promovem novas linhas de chegada – seja pela obsolescência programada, pelo surgimento de novos produtos que geram desejo de compra, ou por outros motivos –, o que produz um ciclo infundável de consumismo.

Conclui-se, portanto, que Bauman recorre a termos relacionados à Educação Física como metáforas no intuito de facilitar o entendimento de suas explicações, aproximando seu conteúdo de um público mais amplo. Os termos utilizados pelo sociólogo, analisados neste tópico, estiveram relacionados à lógica da vida social, das relações sociais, do trabalho e do consumo. Ainda que empregados em um contexto sociológico, esses termos mantêm uma relação conceitual indireta com a Educação Física.

Considerações finais

Entende-se que Bauman contribui para o campo da Educação Física ao fornecer elementos para a análise e compreensão das transformações entre a modernidade sólida e a modernidade líquida, a partir da aplicação de suas ideias aos temas dessa área – mais do que pelo uso direto dos termos empregados por ele. A lógica do consumo está presente em todos os temas analisados, sendo ela basilar na teoria de Bauman.

Bauman pode ser considerado um autor relevante para pensar temas da Educação Física na sociedade atual. No entanto, é necessário reconhecer que a contribuição direta, por parte dos escritos analisados, foi escassa. Uma das limitações visíveis é o uso frequente de termos da Educação Física como metáforas, o que é compreensível, considerando que se tratava de um sociólogo que buscou explicar as situações da vida cotidiana de um modo acessível ao público geral. Como limitação, entende-se também que Bauman era sociólogo, portanto ele retratou os elementos da Educação Física sob o olhar de sua própria área, não sendo possível esperar que tais elementos fossem abordados da mesma forma que um especialista da Educação Física o faria.

Outro limite percebido diz respeito às obras analisadas, pois não há garantias de que os textos escolhidos sejam os mais adequados para sustentar discussões acadêmicas sobre os temas, nem de que o campo da Educação Física tenha selecionado as melhores obras ao citar Bauman em seus artigos científicos e discussões. Apesar disso, as cinco obras oferecem caminhos para a análise do campo e de seus elementos constituintes, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos aspectos que o compõem, no recorte adotado.

Compreende-se, ainda, que tanto a Educação Física quanto a Sociologia apresentam diversas correntes e modos de pensar, não sendo engessadas nem homogêneas. Assim, este artigo buscou promover um espaço amplo de discussão, sem assumir correntes específicas como verdades

universais. Ressalta-se que esta é apenas uma das formas possíveis de analisar a relação entre Zygmunt Bauman e a Educação Física, deixando aberto o espaço para outras análises.

A consolidação da pesquisa aponta para a necessidade de novos estudos, como, por exemplo: Quais são as melhores obras de Zygmunt Bauman, em todo o seu conjunto, para estudar os elementos da Educação Física? Quais são os impactos que a obra de Bauman traz para a prática pedagógica na Educação Física? Questionamentos como esses poderão ser sanados por meio de pesquisas futuras.

Referências

- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BUNGENSTAB, G. C. A presença de Anthony Giddens na produção científica da educação física brasileira: entre a reflexão e o deslize. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 777-788, jul./set. 2018.
- BUNGENSTAB, G. C. As referências de François Dubet nos periódicos científicos de Educação Física: limites e continuidades. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 1-18, jul. 2019.
- BUNGENSTAB, G. C.; MONTALVÃO, T. R.; LAZZAROTTI FILHO, A. Apropriações da Obra de Zygmunt Bauman no campo da Educação Física brasileira. **Cadernos Zygmunt Bauman**, São Luís, v. 9, n. 21, p. 224-244, dez. 2019.
- CASSOL, C. V.; MANFIO, J. N. M.; SILVA, S. P. da (org.). **Dicionário crítico-hermenêutico Zygmunt Bauman**. Frederico Westphalen: URI Westph, 2021.
- CODO, W.; SENNE, W. A. **O que é a corpolatria?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GAMBOA, S. S. Pesquisa em Educação Física. As Inter-relações Necessárias. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 1, n. 5, p. 34-46, jan. 1994.
- GOMES, I. M.; ALMEIDA, F. Q. de; VAZ, A. F. Sobre corpo, reflexidade e poder: um diálogo entre Anthony Giddens e Michel Foucault. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 299-320, out. 2009.
- LAZZAROTTI FILHO, A.; SILVA, A. M.; MASCARENHAS, F. Transformações contemporâneas do campo acadêmico-científico da Educação Física no Brasil: novos *habitus*, *modus operandi* e objetos de disputa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 67-80, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48280>

MEDEIROS, C. C. C. de; GODOY, L. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da Educação Física (1979-2007). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 199-214, jan. 2009.

MENDES, M. I. B. de S.; GLEYSE, J. O cuidado de si em Michel Foucault: reflexões para a Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 507-520, abr./jun. 2015.

MONTALVÃO, T. R. **O “não” lugar da Sociologia na produção de conhecimento da Educação Física no século XXI**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2018.

MONTALVÃO, T. R. **Zygmunt Bauman e a Educação Física: um caminho para novas análises e possibilidades**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

THRIFT, N. The Rise of Soft Capitalism. **Journal for Cultural Research**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 29-57, 1997.

VAZ, A. F. Sobre a relação Ensino-Pesquisa na formação inicial em Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 30, p. 76-90, jun. 2008.

Recebido em 16/02/2025

Versão corrigida recebida em 14/07/2025

Aceito em 10/09/2025

Publicado online em 23/09/2025